

História e Imagem: Uma nova linguagem no ensino de história.

Izabel Kamylla Barbosa Donato¹

Eduardo Caetano de Oliveira²

José Carlos Pessôa de Melo³

RESUMO

O presente artigo busca construir uma discussão acerca do uso da imagem no ensino de história, a partir da compreensão que vivemos em tempos visuais e que a imagem, a cada dia, se apresenta como umas das principais formas de comunicação e responsável por um grande número de informações. Buscamos, neste artigo, analisar a utilização dessa fonte no ensino de história fazendo um estudo de caso na Escola Estadual Senador Rui Palmeira, localizada na cidade de Arapiraca, Alagoas. Nesta pesquisa buscamos compreender se a escola e o ensino vigente conseguem desenvolver nos estudantes a compreensão dos signos e dos significados presentes nas imagens, a partir do cinema e fotografia, buscando um ensino emancipador para o sujeito estudante.

Palavra-Chave: Imagem, Cinema, Metodologia, Ensino de História

¹ Graduanda do curso de História da Universidade Estadual de Alagoas, Campus I, bolsista do programa Residência Pedagógica, email: myka.donato@gmail.com

² Graduando do curso de História da Universidade Estadual de Alagoas, Campus I, bolsista do programa Residência Pedagógica, email: dudu.caetanooficial@gmail.com

³ Professor Auxiliar do curso de História da Universidade Estadual de Alagoas, Campus Arapiraca e do Instituto Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, email: carlospessoa@uneal.edu.br

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o intuito de entender a metodologia utilizada no ensino de História, focando na utilização de imagens e na compreensão da interdisciplinaridade e da sua influência na criação de um campo de conhecimento único e diferenciado, traçando um caminho para a emancipação do sujeito. Um dos principais objetivos deste estudo é propor um modelo educacional que tenha a responsabilidade de construção e reconstrução do conhecimento, transformando o estudante em um agente ativo e o professor em mediador.

Quando se muda o conceito de educação, por ineficiência ou falha do modelo já existente, é necessário que os professores reexaminem suas práticas de ensino e a metodologia abordada. É com essa premissa que pretendemos discutir o uso da imagem como instrumento metodológico, focando no processo de ensino-aprendizagem, em especial no ensino de história, analisando se as novas metodologias e materiais didáticos estão de acordo com as demandas atuais. É através da visão que obtemos a maioria das informações, seja lendo, assistindo ou observando um objeto, é a visão que nos conecta ao mundo externo, é através desse pressuposto que é defendido a inclusão de imagens na educação escolar, pois estas não retêm apenas a atenção dos estudantes, elas também ocasionam a melhor absorção de conteúdo.

Apesar dos estudos demonstrarem a importância do visual (visão, imagem) na aprendizagem dos jovens, a maioria dos professores terminam por manter uma prática docente tradicional com aulas meramente expositivas nas quais os docentes, na maioria das vezes, proferem, de forma monológica, uma palestra; enquanto os alunos, impacientemente, tentam entender aquilo que lhe é estranho, na condição de mero expectador. Segundo Michel Tardy (1976, p.27) “atualmente os alunos pertencem a uma civilização icônica, enquanto os professores pertencem a uma civilização pré-icônica”.

A imagem é uma forma de impressão histórica, o homem produz imagens como forma de expressar os diversos aspectos do cotidiano, sendo retratada através de desenhos, pinturas ou esculturas. A modernidade trouxe consigo novas formas de marcar a comunicação e a história, exemplo da fotografia e do cinema, e a mais recente o computador, que na maioria das vezes as imagens são utilizadas como uma forma de substituir as palavras. Tal crescimento, fez os especialistas nomearem esse momento como cultura visual, mostrando a grandeza de tal fonte de

comunicação e conseqüentemente histórica.

Mesmo com todos os avanços obtidos com a modernidade, as imagens na sala de aula, ainda são utilizadas como meras ilustrações, se transformando em suporte para conteúdos escritos ou orais, porém, tal utilização limita o estudante. Percebemos que nos últimos séculos o uso da imagem vem crescendo, tornando-se um dos meios de linguagem mais utilizada na contemporaneidade, seja através da mídia, de obras de arte ou da publicidade. Percebemos que a cultura visual está obtendo poder sobre as pessoas, principalmente sobre crianças e adolescentes. Mesmo com uma cultura visual crescente, a escola ainda não encontrou uma forma de se adaptar a essa nova realidade, utilizando-a como uma ferramenta secundária, “a pedagogia deve criar pele nova, para integrar, sem deformá-los, os produtos da cultura de massa” (TARDY,1976, p.59).

Tendo como objeto de estudo a utilização da imagem no ensino de História, analisaremos os seguintes itens: a utilização da imagem como fonte histórica e a sua utilização no ensino. O primeiro momento buscaremos entender a construção e a utilização da imagem como fonte, esse estudo bibliográfico busca compreender a importância da imagem para a construção do fato histórico. O segundo momento buscaremos conhecer a utilização da imagem no ensino de história, como ela interfere na aprendizagem do estudante e como ocorre a absorção do conhecimento, sendo realizado um estudo quantitativo, com os estudantes do 3º ano do ensino médio da Escola Estadual Senador Rui Palmeira.

1. Imagem: O poder de contar histórias.

Em uma rápida pesquisa entendemos que linguagem é um *substantivo feminino*, que se aplica a qualquer forma de comunicar ideias ou sentimentos, através de signos tradicionais, sonoros, gráficos, gestuais etc, desta forma, a imagem tornou-se uma variante de linguagem e não só uma ferramenta de auxílio à escrita.

A imagem torna-se linguagem, com valor próprio, e seu uso se popularizou com a chegada da era contemporânea, ou era digital entretanto ela já vinha percorrendo um longo trajeto, desde a primitividade como uma forma de comunicação e historicidade. Com o desenvolvimento da imprensa, torna-se marcadora de memória, como auxiliar, muito utilizada em jornais e livros como forma de dar suporte aos textos escritos, mas é com o advento da era dos computadores e o crescimento das propagandas, que a imagem passou a ocupar um espaço expressivo no dia-a-dia da sociedade contemporânea seja como imagem estática ou como audiovisual, tornando-se um espaço de signos e significados.

Quando Sergio Gruzinsky estudou as imagens do México Colônia, percebeu que as mesmas funcionavam como encontro de sujeitos, os quais se construíam e (re)construíam, dependendo do investimento imaginário sobre elas. A imagem é analisada como um agente/paciente, precisando da interação social para obter significado. Sendo o observador um agente ativo, pois, o mesmo trabalha junto a imagem fazendo-a gerar sentidos que necessariamente não estão ligados a ela. É relevante considerar a multiplicidade de significados, símbolos e sinais culturais que estão ligados a imagem, bem como a contextualização social e a dinâmica sociocultural da época a qual ela representa, sendo assim a imagem uma fonte histórica, pois nos oferece oportunidade para investigar e produzir conhecimentos acerca da sua realidade.

Trabalhos como o do Gruzinsky só foram possíveis através da revolução ocasionado pela escola dos Annales, liderado por Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1959), os quais buscaram reconstruir o que até então era conhecido como fonte e fato histórico. Os debates reformularam o conceito de documento e suas utilizações, colocando as ações humanas no centro das atividades, transformando o homem em sujeito histórico em construção. Essa reformulação da história foi essencial para a definição do termo documento histórico, alargando a sua

percepção para além do documento escrito, a ampliação dos documentos e suas atualizações ocasionou uma revolução, o sujeito percebeu que tudo que faz pode ser analisado como documento, exemplo de relatos orais, escritos, iconográficos e sonoros.

[...] o documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a correspondência, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário, etc. [...] enfim, tudo que seja produzido por razões funcionais, jurídicas, científicas, culturais ou artísticas pela atividade humana (BELLOTTO, 1984, p. 34).

Mesmo com a ampliação do conceito de fontes históricas, pela primeira geração dos annales, a grande maioria das pesquisas voltadas para a área das ciências humanas compartilham da valorização exacerbada do documento escrito, em comparação com o documento não-escrito ou não-verbal, podemos entender tal valorização pelo fato dos documentos iconográficos serem menos difundidos, porém temos que observa que a arte, atualmente, constitui um vasto campo de investigação, pois é indispensável para o entendimento da sociedade contemporânea, assim como a linguagem discursiva e escrita. Francastel (1993) defende, que não podemos olhar para a arte como um acessório na vida dos homens, mas, sim como um testemunho de formas da sensibilidade coletiva, decifrar a obra figurativa é fundamental para se conhecer uma sociedade. Apesar do predomínio dos documentos escritos, Burke (2004) faz um estudo apontando a ampliação do interesse dos pesquisadores pela utilização da imagem como vestígio de fatos, demonstrando o aumento da valorização das fontes iconográficas.

Constatamos que a leitura de imagens é intercambiável com a leitura das palavras, porém, raramente opostas, é indispensável o uso de documentos como forma de alicerce teórico metodológico, para fundamentar a sua pesquisa. Os documentos são provas históricas produzidas pelo homem, mesmo as que não foram produzidas para esta finalidade.

É com a análise da imagem como vestígio de fatos e estudo da sociedade que Start Hall no artigo “O espetáculo do Outro”, o qual ele articula imagens de atletas norte-americanos, com

variações culturais diferentes, que estavam vinculadas nos meios de comunicação, através de propagandas, imagens e ilustrações em revistas, que usavam estereótipos raciais, datado o período de escravidão e do imperialismo do fim do século XIX. Hall faz uma análise da representação enquanto prática de significação, alertando para a questão da diferença no que se refere a representação das minorias raciais e étnicas. Ao fazer a análise das fotos de atletas negros, Hall percebe a naturalização na forma que essas imagens enfatizam o corpo, indicando que esse processo de representação do diferente carrega uma mensagem sobre gênero e sobre sexualidade.

Os estudos feitos por Hall e o por Gruzinsky, citado no início da discussão, transparecem o crescimento da imagem como fonte histórica que passa a ocupar um lugar importante ao lado dos textos escritos e dos testemunhos orais, tornando-se uma ferramenta importante para a pesquisa histórica. Cardoso e Mauad (1997) no artigo História e Imagens: os exemplos da fotografia e do cinema, fazem uma análise muito importante sobre a contribuição da imagem na construção histórica.

Não é recente a proposta de se trabalhar com fontes históricas não verbais. Ainda no século XIX, o historiador francês Fustel de Coulanges afirma: “Onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência aí está a História”. Qualquer tipo de marca. [...] Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas de fazer parte da História e passíveis de leitura por parte do historiador (CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 401 e 402).

1.2 O uso da imagem e seu resultado

O cinema foi criado em 1895 e desde então vem fascinando e surpreendendo todos os telespectadores. Ao mesmo tempo que fascina e serve como meio de entretenimento, o cinema carrega valores e ideologias do seu tempo. Em sala de aula, o cinema só se tornou, formalmente, ferramenta metodológica cem anos depois de sua criação, em 1998, quando os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) oficializaram o cinema como recurso pedagógico.

Mesmo sendo oficializado como recurso pedagógico, o cinema não foi incorporado de imediato nas salas de aula, a falta de estrutura, problemas técnicos, falta de recursos das escolas e a falta de investimento na especialização do professor para a utilização do mesmo tornou o cinema um recurso quase inexistente em sala.

Diferente das outras fontes metodológicas, a imagem, e conseqüentemente o cinema, precisam de um estudo e uma análise mais aprimorada. Para Baxandall (2006) temos que analisar uma imagem filtrando as estruturas de intenção do artista que está inserido em um dado tempo histórico, diferente do nosso, e com uma estrutura cultural diferente. Entendemos que para analisarmos a imagem como evidência, precisamos ter conhecimento específico quanto a linguagem utilizada, seus limites e possibilidades para ser usada como fonte histórica. É partindo de tal premissa que Didi-Huberman, na obra *L' imagem Brûle*, Kem (2007, p.140) afirma que:

[...] Interpretar exige paciência, a imagem deve ser olhada, questionada, para que história e memória sejam entendidas. Olhar não é simplesmente ver, nem observar com mais ou menos competência. Ele pressupõe a implicação, deliberada uma experiência, isto é, uma explicação. As criações humanas só são suscetíveis de interpretação e de explicação pelo caminho da compreensão implica em uma tomada de consciência sobre si mesmo. Logo, o objeto de conhecimento é reconhecido por estar intimamente em constituição pelo sujeito que conhece. Para tal, ele deve dialogar com a imagem, interrogá-la e estabelecer certa intimidade com a mesma.

A leitura de imagem implica compreensão, significação e entendimento. É preciso se aprofundar na obra, romper a superficialidade penetrando o diálogo sugerido e implícito na obra. Como forma de demonstrar que a imagem é uma forma de ligar o telespectador ao fato ocorrido, uma forma de demonstrar diretamente, a partir da leitura da imagem, como determinados sujeitos, de classes socioculturais diferentes, interagem com seu meio. Como forma de entender a relação de mediação entre mundo e telespectador, Passavento (2003, p. 86) afirma que:

As imagens estabelecem uma mediação entre o mundo do espectador e do produtor, tendo como referente a realidade, tal como, no caso do discurso, o texto é mediador entre o mundo da leitura e o da escrita. Afinal, palavras e imagens são formas de representações do mundo que constituem o imaginário

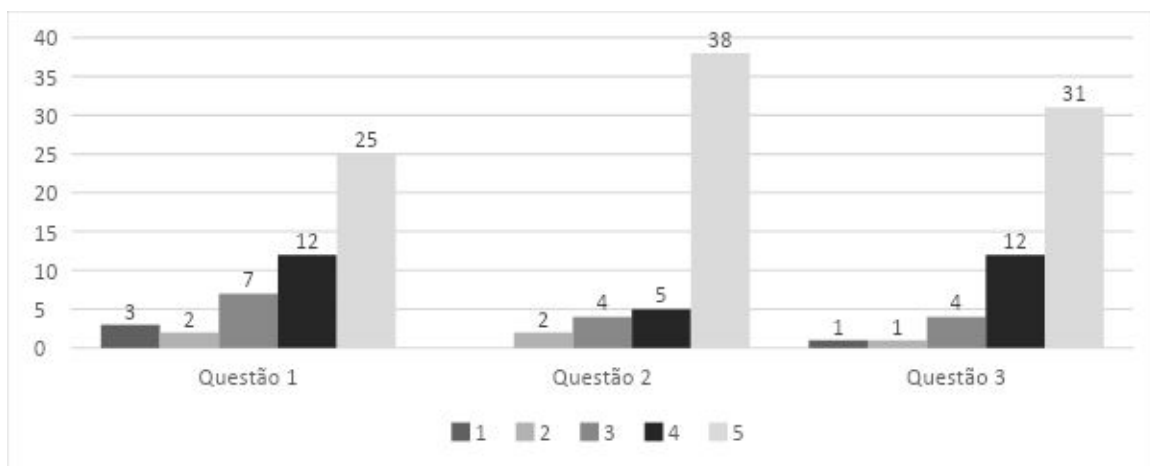
É entendendo o filme como o fruto da época a qual foi produzido, que optamos por seguir um mapa pré-estabelecido, para que a experiência dos estudantes com o audiovisual fosse gratificante e instigante, ajudando-o a desenvolver a leitura de imagens e do audiovisual. Este mapa foi dividido em três partes: a) Usar o filme como “texto” ou pretexto gerador de debates articulados a temas previamente selecionados. É o caso, por exemplo, de filmes inspiradores para trabalhar temas transversais: cidadania, meio ambiente, sexualidade, diversidade cultural, etc. b) Usar o filme como um documento em si possibilitando a discussão sobre a linguagem cinematográfica e o cinema como produção industrial. Este trabalho requer que o professor conheça as regras básicas dessa arte como roteirização, iluminação, fotografia, direção, marketing etc. c) Usar o filme como documento histórico analisando-o como produção cultural e estética de uma época, que veicula valores, conceitos, atitudes e representações da sociedade, da política, da ciência, etc.

Este mapa foi aplicado, de março a julho de 2019, em um estudo realizado na turma do 3º A, do Ensino Médio, na Escola Estadual Senador Rui Palmeira, que conta com 49 estudantes regularmente matriculado. Foram aplicados filmes, documentários, desenhos animados e imagens como forma de ajudar na absorção do conteúdo trabalhado em sala. No final do projeto foi aplicado um questionário com 3 perguntas, com uma escala de 1 a 5, onde 1 (um) representa discordo totalmente e 5 (cinco) concordo totalmente, no qual eles deveriam descrever o quanto foi importante o uso da imagem e do cinema para a aprendizagem dos conteúdos em sala de aula.

Na primeira pergunta questionamos se o uso de vídeos, documentários e imagens os ajudaram a ter uma melhor compreensão sobre os assuntos tratados em sala: 3 (6,1%) votaram na opção 1, 2 (4,1%) votaram na opção 2, 7 (14,3) votaram na opção 3, 12 (24,5%) votaram na opção 4 e 25 (51%) votaram na opção 5.

A segunda pergunta foi voltada para a diversificação do ensino, perguntamos o quanto eles concordam que o ensino precisa ser mais diversificado, avançando além do livro e do quadro: nenhum voltou na opção 1, 2 (4,1%) votaram na opção 2, 4 (8,2%) votaram na opção 3, 5 (10,2%) votaram na opção 4 e 38 (77,6%) votaram na opção 5.

Na última pergunta buscamos entender se o cinema ajudou na compreensão de assuntos dos assuntos mais difíceis trabalhando em sala, compreendendo a complexidade de alguns fatos históricos e sua difícil compreensão: 1 (2%) votou na opção 1, (2%) votaram na opção 2, 4 (8,2%) votaram na opção 3, 12 (24,5%) votaram na opção 4 e 31 (63,3%) votaram na opção 5.



Durante toda a pesquisa buscamos apresentar a imagem e o audiovisual como peça central da aula, as discussões eram voltadas para a narrativa e a representação do sujeito dentro do universo fílmico e se representava a realidade sociocultural na qual o estudante está inserido. Foi a partir dos momentos de discussões em sala que pudemos analisar a nossa metodologia e o plano de ensino e percebemos que quando eram utilizados filmes do eixo comercial, a visão dos estudantes mudava, não conseguindo analisá-lo como uma ferramenta de ensino, mas como um entretenimento.

Fomos educados a achar que o único gênero do audiovisual que tem “poder” educacional é o documentário, transformando o drama e o blockbuster em um mero entretenimento, sem influência direta na construção do sujeito. Esta concepção é um equívoco, pois toda arte é repleta de significado e visão de mundo, cabendo a nós educadores alfabetizarmos nossos estudantes na linguagem do audiovisual. Ao sair do eixo documentário começamos a ensinar os estudantes a lerem todo o tipo de imagem, ensinando-os a detectarem o discurso fílmico e assim, perceberem que não existe neutralidade uma vez que toda obra é um reflexo sociocultural do seu autor contexto na qual a obra fora produzida.

CONCLUSÃO

A pesquisa feita com os estudantes comprovou o que já vínhamos discutindo ao começar este estudo: O Ensino de história baseado exclusivamente na oralidade e no uso do livro didático está fadado ao fracasso. Apesar dos livros didáticos já apresentarem ao final de cada assunto, indicações de filmes, quadros, imagens e músicas como forma de ajudar o estudante a se aprofundar no assunto abordado, entretanto, se o estudante não tiver uma formação que contribua a entender o conteúdo tratado na película, a mesma não será educativa, mas sim um entretenimento.

O presente artigo buscou demonstrar a importância da alfabetização visual a partir da compreensão que a imagem constitui um elo entre o tempo a qual ela foi produzida e o tempo do observador, devendo ser entendida e compreendida na especificidade do tempo de produção, como expressão apropriada de um contexto, analisando sob a ótica da dinâmica das relações sociais e as da transformação da sociedade.

A análise da produção artística do homem, utilizado como meio educacional e reflexivo, tem como finalidade entender os diferentes períodos históricos, uma possibilidade de compreensão do processo histórico de formação do sujeito social, sendo essa uma das principais questões da educação na atualidade.

BIBLIOGRAFIA

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, M. L. B. Vivre l'histoire. In: LE GOFF (Org.). **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

. **Apologia da história: ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,

BELLOTTO, H. **As fronteiras da documentação**. Cadernos FUNDAP. São Paulo, v. 4, n. 8, p. 12-16, abr. 1984.

BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.

BAXANDALL, M. **Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. **História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema**. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

CASTRO, H. História social. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 45-59.

DIDI-HUBERMAN, G. **L'image brûlée**. Nantes: C. Defaut, 2006.

FRANCASTEL, P. **A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GRUZINSKY, Serge. **A guerra das imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, vol.22, n°2, 1997.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TARDY, Michel. **O Professor e as Imagens**. São Paulo: Cultrix, 1979